

caderno 3

Diário Nordeste

TEATRO



Fragments da delicadeza

Em "Formas Breves", Bia Lessa oficializa a parceria com a filha, Maria Borba, e assina uma produção que parte do uso de textos de vários autores para criar um espetáculo singular

FÁBIO FREIRE
Repórter*

Bia Lessa passa uma sensação de tranquilidade. Uma voz mansa para uma fala acelerada que explica o conceito de seu mais recente espetáculo, "Formas Breves". Simpática e solícita transmite a mesma força e delicadeza de sua arte. Atriz, diretora, faz de suas peças encenações vivas. Com "Formas Breves", primeira parceria oficial com a filha Maria Borba (responsável pela dramaturgia), não é diferente.

Um palco amplo, tomado por atores que, em alguns casos nem são atores profissionais, serve de espaço para que uma colagem de fragmentos de textos de autores os mais diversos funcione como um mosaico belo e provocador. Dostoiévski, Tchecov,

Thomas Bernhard, Kafka, Sérgio Sant'anna, André Sant'anna, Anais Nin, Pedro Almodóvar, Walt Whitman, Antonin Artaud, Elias Canetti, Bertold Brecht, Ian MacEwan, Marguerite Duras e Honoré de Balzac se unem com o propósito de estabelecer um diálogo com o universo contemporâneo.

"A ideia da peça surgiu a partir de um livro chamado 'Formas Breves', de um escritor argentino chamado Ricardo Piglia", conta Bia Lessa. "O livro é composto de artigos de diferentes modalidades e gêneros literários bem distintos. A espinhal dorsal do nosso espetáculo partiu da estrutura desse livro", explica a diretora. "É um trabalho que não tem definição. Não estamos em busca de uma visão mais plana. Procuramos uma abrangência de olhares, ver por diversos ângulos por meio de

textos com saberes diferentes: obras didáticas, literárias, científicas".

Segundo Bia, "Formas Breves" pode ser percebido a partir de duas vertentes. "Como um produto do homem por meio do que ele escreveu, ou a partir de uma observação de nós mesmos dentro do universo contemporâneo, com as velhas perguntas que persistem: quem somos, para onde estamos indo etc.", argumenta Bia. "Formas Breves" deriva de uma pesquisa. É uma experiência ou seja lá o que for isso. Não gosto de chamá-lo de espetáculo", decreta.

Esquetes X totalidade

"Teatro é quase uma impossibilidade. Das artes, é uma das mais humanas", acredita a diretora. "É quase uma definição do ser humano, com seus defeitos e suas virtudes. É uma tentativa de ser algo vivo, mas que, às vezes, ruína. Teatro é algo complexo, difícil, dolorido", conceitua. Depois de cerca de cinco anos afastada das palcos, a experiência de "Formas Breves"

FIQUE POR DENTRO

O LONGA

EMPARALELO à forma teatral, todo o processo de criação do espetáculo foi registrado em câmeras e "Formas Breves" deve estreiar na forma de longa-metragem em breve. "Filmávamos algumas cenas, as mesmas cenas em dias diferentes, e quando via na tela, elas eram absolutamente diferentes. Fiquei maravilhada", deslumbra-se Bia Lessa. "O filme, que ainda está sendo montado, é uma tentativa de urgência e infantil de criar algo", confessa. "Uma tentativa bizarra e irônica. O mais engraçado é que, no palco, 'Formas Breves' é mais cinematográfico, enquanto na tela de cinema, mais teatral". Antes do filme ficar pronto, no entanto, Bia Lessa volta aos palcos, desta vez com uma ópera, "Il Trovatore", que, em maio, deve reinaugar o Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

não resultou diferente para Bia Lessa. "Eu gosto de problema", sorri. "E tive dois nesse trabalho: o primeiro, não deixar que ele ficasse parecido com esquetes; depois dar totalidade para algo que não tem uma. Uma totalidade dentro da fragmentação". A diretora conseguiu a partir de uma mudança de foco. "Os depoimentos são mais importantes do que as interpretações de cada pessoa. Os textos são mais interessantes do que as interpretações", acredita. "Não sou apaixonada por personagens, gosto de gente, personalidades, gestos e opiniões específicas".

Buscando ampliar as possibilidades de cada texto, Bia Lessa afirma que "Formas Breves" foi um trabalho árduo. "Não no sentido de buscar uma interpretação. As ligações entre os fragmentos quem faz é a plateia. Como é uma experiência não-linear, cada pessoa cria sua interpretação", elabora. "Tanto que é um trabalho que precisa de gente para acontecer. Não há espaços para vazios, não há pausa, tempo, o ritmo é frenético. O público entra com o trabalho acontecendo, senta, vê e já acabou".

Concepção x direção

Fruto da primeira parceria oficial entre a diretora e a filha Maria Borba, "Formas Breves" é um trabalho em via dupla. "Essa parceria era algo inevitável", pontua Bia. "Acrescentamos muito uma a outra, existe uma afinidade de olhar, de alguma forma, estamos interessadas na mesma coisa". Sob a responsabilidade de mãe e filha, os embates

aconteceram. "Achamos que havia chegado a hora de travarmos um diálogo estético, conceitual, intelectual", continua Bia. "A concepção de 'Formas Breves' é todo da Maria, a ideia de fazer um espetáculo a partir do nada. Mas eu era a comandante", brinca. "Para mim, o trabalho da direção é indivisível".

O resultado da parceria é uma bela encenação, com uma profusão de imagens em projeção, trilha sonora que ora grita, ora se silencia, iluminação marcante que corta o breu que envolve o cenário e uma constante movimentação no palco. Do ponto de vista estético e plástico, "Formas Breves" é um espetáculo, ou experiência, como prefere a diretora, fácil de se assistir. Mas não sem a presença de incômodo constante que costura a narrativa. Lessa cria belas imagens que ficam na memória. E usa os fragmentos quase como poesia, criando uma obra que se reveza entre o envolvimento e o distanciamento, entre os sentimentos e as sensações por meio de um turbilhão de acontecimentos e textos aparentemente desconexos.

* O repórter viajou a convite da organização do evento.

MAIS INFORMAÇÕES

"FORMAS BREVES"

Direção de Bia Lessa e dramaturgia de Maria Borba, apresentado na Mostra do 19º Festival de Curitiba, que prossegue até o próximo dia 28.

COMENTE

caderno3@diariodonordeste.com.br



ENCENAÇÃO VIVA: depois de um hiato de cinco anos nos palcos, Bia Lessa mistura imagens e textos em uma experiência que busca um diálogo com questões do contemporâneo FOTO: BRUNO TETTO